

Pyricularia grisea causando manchas foliares na cultivar BRS capileto de capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schumach.) X milho (*Pennisetum glaucum* (L.) R. Br.)

Jaqueline Rosemeire Verzignassi¹; Celso Dornelas Fernandes¹; Francisco José da Silva Léo²; Margareth Vieira Batista¹; Carolina de Arruda Queiroz¹; Hugo Soares Corado¹; Luiz Sebastião Poltronieri³; Lenise Castilho Monteiro¹; Janaína Iara Silva¹; Gleiciane de Lima Benteo¹; Juarez Campolina Machado²

¹Embrapa Gado de Corte, Avenida Rádio Maia, 830, CEP 79106-550, Campo Grande, MS. ²Embrapa Gado de Leite, Rua Eugênio do Nascimento, 610, CEP 36038-330, Juiz de Fora, MG. ³Embrapa Amazônia Oriental, Tv. Enéas Pinheiro, S/N, CEP 66095-100, Belém, PA.

Autor para correspondência: Jaqueline Rosemeire Verzignassi (jaqueline.verzignassi@embrapa.br)

Data de chegada: 01/10/2012. Aceito para publicação em: 30/03/2013.

1854

O capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schumach.) é, reconhecidamente, uma das gramíneas forrageiras de mais alto potencial produtivo, adaptando-se muito bem às condições de clima e solo de praticamente todo o Brasil. Contudo, uma das principais dificuldades existentes para a expansão do cultivo do capim-elefante está relacionada à sua forma de propagação, realizada por meio de estacas, o que aumenta o custo de transporte e plantio da forrageira, impossibilita o armazenamento do material propagativo por longo período, além de dificultar a distribuição das cultivares melhoradas. Os híbridos interespecíficos hexaplóides, obtidos pela combinação genética entre o milho (*Pennisetum glaucum* (L.) R. Br.) e o capim-elefante, têm-se revelado como uma boa alternativa para a obtenção de cultivares superiores que se propagam por meio de sementes. Além de melhor qualidade forrageira, os híbridos hexaplóides apresentam elevada produção de sementes grandes e viáveis. Neste contexto, a Embrapa Gado de Leite, em parceria com a Unipasto (Associação para o Fomento à Pesquisa de Melhoramento de Forrageiras) desenvolveu, recentemente, a população hexaplóide de *Pennisetum purpureum* x *Pennisetum glaucum*, denominada cultivar BRS Capileto, registrada no RNC sob o número 28752 e cujo lançamento está previsto para o ano de 2014. Em campos de multiplicação de sementes de BRS Capileto na Embrapa Gado de Corte, Campo Grande, MS, foram observadas, em folhas das plantas adultas e com idade aproximada de sete meses, pontuações castanho-avermelhadas, que evoluíam para manchas elípticas de até 2 cm de comprimento por 0,5 cm de largura (Figura 1A). As lesões individuais coalesciam, formando extensas áreas necrosadas, com queima total das folhas. Da interface das lesões e tecido sadio foram retiradas porções para isolamento do patógeno em ágar-água. Os isolados do fungo obtidos foram transferidos para BDA e as colônias formadas apresentaram aspecto cinza escuro e cotonoso (Figura 1B). Os conídios, de formato piriforme, hialinos, na maioria com três células e dois septos, apresentavam dimensões de 12,50-24,98-30,00 x 5,00-9,25-12,50 µm e apêndice basal no ponto de ligação com o conidióforo (Figura 1C). Observaram-se, ainda, que os conídios germinavam a partir da célula apical (Figura 1D). Os conidióforos encontrados apresentavam coloração hialina e formato reto a curvo (Figura 1C e 1D). O fungo foi identificado como *Pyricularia grisea* (Cooke) Sacc. e ocorre em mais de 50 gramíneas, entre elas o arroz (*Oryza sativa*) e o trigo (*Triticum aestivum*). O referido

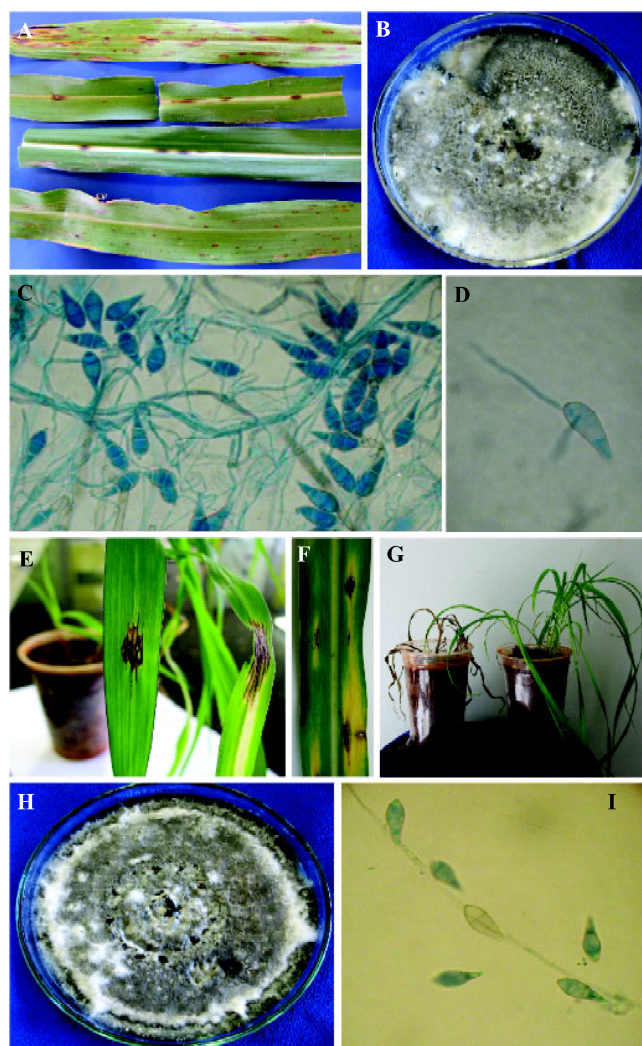


Figura 1. Manchas foliares em capim-elefante-híbrido BRS Capileto causada por *Pyricularia grisea*: sintomas da doença (A); colônia do fungo isolado (B); conídios e conidióforos do fungo (C e D); sintomas em plantas inoculadas (E); sintomas em folhas destacadas inoculadas (F); sintomas avançados em plantas inoculadas e planta testemunha (G); colônia e estruturas do patógeno reisolado (H e I).

isolado foi inoculado em plantas saudias de 40 dias de idade e em folhas saudias destacadas provenientes de plantas adultas do campo. Em ambos os casos, discos de cultura do fungo foram colocados sobre as folhas previamente feridas e o material inoculado foi mantido em câmara úmida (90% UR; 30°C) por dois dias. Após, as folhas destacadas inoculadas foram mantidas em temperatura ambiente de laboratório e as plantas inoculadas foram mantidas em casa-de-vegetação. Sintomas idênticos aos encontrados no campo foram reproduzidos aos oito dias da inoculação (Figuras 1E e 1F). Além disso, uma suspensão de micélio do fungo foi preparada e

aspergida sobre plantas de 40 dias de idade e, após dois dias sob câmara úmida (90% UR; 30°C) e quinze dias em condições de laboratório, apresentaram todas as suas folhas secas (Figura 1G). Do material com sintomas decorrentes da inoculação procedeu-se o reisolamento do patógeno (Figuras 1H e 1I). Partes das plantas coletadas com sintomas e utilizadas para as análises foram herborizadas e armazenadas no Herbário da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul sob o número de registro CGMS-35.093. Este é o primeiro relato da ocorrência de *Pyricularia grisea* em *Pennisetum purpureum* X *Pennisetum glaucum* BRS Capileto.